

Augusto Macuiane, funcionário do AHM desde 1981

## UMA PROFISSÃO ADORADA POR UMA LONGA DEDICAÇÃO

Há muitos anos prestou o juramento de servir o A.H.M e assim o tem feito até hoje, com a mesma dedicação. Chama-se Augusto Macuiane, funcionário do Arquivo desde 1981. E como muitos outros, é um defensor acérrimo da preservação dos arquivos e de documentos depositados na nossa instituição.

Nascido há 44 anos em Maputo e depois de uma infância passada em Manjacaze, Macuiane passou grande parte da sua idade cuidando documentos na Repartição dos Arquivos Permanentes e não se arrende de lá ter ido parar pela mão do seu pai, Júlio Macuiane.

“Queria continuar a estudar e a vaga na escola era no curso nocturno. E para a conseguir tinha de ser trabalhador, então aceitei vir trabalhar”, explica. Tarefa foi a sua primeira função, que consistia na limpeza e arrumação dos materiais no A.H.M .

No ano seguinte entra para o Quadro do A.H.M, com a categoria de Servente, e após concluir a 6ª classe passa para Auxiliar de Documentação, dando apoio aos técnicos de documentação , participar na inventariação dos fundos do A.H.M, na Repartição de Arquivos permanentes, tendo então trabalhado ao lado do Dr. Luís Covane, hoje Vice-Ministro da Cultura.

O entrevistado conta que a nomeação para chefiar a Secção dos Arquivos dos órgãos regionais no ano de 1995 impulsionou o regresso à escola para concluir o nível médio. “Nos tempos de intervalo ficava a estudar porque tinha muitos livros, fiz exames da 10ª classe como externo e passei”.

Com vista a melhorar o seu desempenho, o entrevistado revela que beneficiou de formação de nível básico e médio em documentação, bem como de um curso de gestão de documentação, e em 1997 participou num seminário da ESARBICA sobre arquivos e documentação, realizado na África do Sul.

Daí em diante Macuiane nunca mais parou, concluiu a 12ª classe e ingressou para Universidade Eduardo Mondlane, onde está a finalizar a Licenciatura em Ciências Sociais – Antropologia.

Como prioridades estão a conclusão do curso e o trabalho no A.H.M, que considera como sua segunda casa. “o meu objectivo é transmitir aos mais novos a importância de um Arquivo Histórico”.

### Memórias

Passados 27 anos, guarda boas recordações de diversas pessoas com quem trabalhou, como é o caso do Dr. Manuel Correia de Lemos, antigo director adjunto do A.H.M, de quem aprendeu muito sobre a vida e em matéria de arquivos.

### O outro lado....

Pai de 2 filhos, 16 e 11 anos, Augusto Macuiane espera poder ajudá- los a fazerem o ensino superior com menos dificuldades do que as que passou.

Gosta de ver o Sporting, escutar música e confessa nutrir uma admiração pelo partido Frelimo e seus dirigentes, pelo trabalho em prol do desenvolvimento do país.



## Pelo Depósito Legal

No âmbito das suas atribuições, compete ao Arquivo Histórico de Moçambique, a preservação do património documental e bibliográfico de Moçambique e a sua disponibilização à consulta pública.

O AHM, adquire as obras por depósito legal, compra e oferta de acordo com a alínea “E” do Artigo décimo sexto da Lei de Imprensa, a qual preconiza que cada Director de cada órgão de Informação escrita deverá enviar gratuitamente no dia da publicação, um mínimo de dois exemplares para entidades como Ministério de Informação, Arquivo Histórico de Moçambique. Nesse contexto, o AHM durante o ano de 2009 recebeu várias obras de autores nacionais e estrangeiros que versam sobre Moçambique, História de África, Ciências sociais entre outros.



## Ficha Técnica



Boletim Informativo do Arquivo Histórico de Moçambique TRIMESTRAL - Edição No 03 Ano 2009

### Director

Joel das Neves Tembe

### Editor

Gil Filipe

### Revisão

Joel das Neves Tembe

### Coordenador

Rafael Nharreluga

### Redacção

Lídia Furvela

### Maquetização

Bartolomeu Daniel Cuamba

### Fotografia

Arquivo Histórico de Moçambique



# BIArquivo

Boletim Informativo do Arquivo Histórico de Moçambique

Ano 2009 • Edição 3 • Julho - Setembro 2009 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



## EDITORIAL

Esta é a terceira edição de 2009 do “Biarquivo”, na qual despertamos aos nossos leitores sobre os desafios dos arquivos nacionais na Esarbica, bem como assuntos relativos ao funcionamento do AHM. O embaixador Lopes Tembe, veterano da guerra de libertação nacional, e o adido cultural da Embaixada de Portugal no país, António Braga, concederam-nos entrevistas em que apresentamos seus pontos de vista sobre o valor que uma instituição como o Arquivo Histórico de Moçambique tem para a sociedade. O AHM participou na VII Mostra de Ciência e Tecnologia, exposição promovida pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, em que expôs uma vasta gama de materiais que fazem parte do seu rico acervo e interagiu com outras instituições participantes e que compartilham com o AHM a nobre missão de contribuir para que Moçambique seja um país cada vez mais rico em conhecimento.

Entretanto, esta edição do “Biarquivo” também traz o valor emblemático de que está revestido o mês de Setembro. Foi neste mês, no longínquo ano de 1962, que os nacionalistas moçambicanos congregados no movimento de libertação, a FRELIMO, se juntaram em congresso, o primeiro desta formação política. Foi do I Congresso que se definiu as linhas mestres para o desencadeamento da luta pela independência de Moçambique. A direcção da Frente (que tinha como presidente Eduardo Chivambo Mondlane) definiu o sistema colonial como o alvo a derrubar na guerra pela autodeterminação dos moçambicanos. O início da luta armada contra o sistema colonial português (25 de Setembro de 1964), a assinatura dos Acordos de Lusaka (7 de Setembro de 1974), a tomada de posse do Governo de Transição (20 de Setembro de 1974) e o nascimento de Samora Machel (29 de Setembro de 1933), sucessor de Mondlane na direcção da FRELIMO e proclamador da independência nacional, são outros temas com que o leitor poderá recordar algumas páginas da história deste país. Encontre, caro leitor, informação mais detalhada sobre estes e outros temas que lhe trazemos para esta edição do “Biarquivo”.

## Os desafios dos arquivos nacionais na ESARBICA



Entre os dias 29 de Junho a 3 de Julho de 2009 realizou-se na cidade de Windhoek, a conferência bi-anual da ESARBICA sobre o tema “Gestão do património documental na era digital” precedida por um seminário para técnicos dos arquivos dos países membros da

Esarbica, subordinado ao tema “Gestão de documentos electrónicos e sistemas de gestão de documentos electrónicos”. Este seminário teve a participação do Sr. Moisés Chongo (técnico de informática e chefe do respectivo sector no Arquivo Histórico Moçambique).

### Nesta edição

- É urgente edificar instalações para o AHM.....2
- ESARBICA: Os desafios dos arquivos nacionais.....3
- Um dos arquivos mais importantes de África.....4
- Director do AHM em Angola.....5
- Mês de Setembro na História de Moçambique .....6

Lopes Tembe

## É urgente edificar instalações para o Arquivo



Lopes Tembe

O Arquivo Histórico de Moçambique (AHM) convidou recentemente o embaixador Lopes Tembe, veterano da luta armada de libertação nacional para uma visita. Ele inteirou-se do funcionamento e da importância da nossa instituição para a sociedade. Ficou impressionado, conforme disse ao "Biarquivo", e lançou o apelo para uma mobilização de apoios para a construção de instalações condignas para o funcionamento do Arquivo Histórico de Moçambique. Acompanhe, caro leitor, nas linhas seguintes, alguns extractos dessa conversa com este herói nacional:

**Biarquivo – Gostaríamos que nos falasse da importância do Arquivo Histórico de Moçambique no âmbito da história nacional?**

**Lopes Tembe (LT)** – É uma grande honra de ter tido oportunidade de conhecer o Prof. Dr. Joel das Neves Tembe, o qual desempenha um papel crucial, como director, no trabalho do Arquivo Histórico de Moçambique. Pouca gente tem conhecimento do trabalho do AHM e eu gostaria de contribuir ou sensibilizar para que os moçambicanos saibam da importância desta instituição. Desde 1975, como antigos combatentes, que ficamos muito tempo sem pensar em escrever aquilo que aconteceu durante a luta armada de libertação nacional e passam muitos anos. Já nos

esquecemos de muitos aspectos, o que pode fazer com que as novas gerações não saibam como nós lutámos pela libertação do país. Mas felizmente já se tornou uma consciência no sentido de se escrever algo e já se está a escrever. Podemos citar como exemplo o camarada José Moiane, que

lançou há pouco a sua obra com o título "Memórias de um Guerrilheiro". A inspiração de Moiane reside no facto da experiência vivida e incentiva a ideia a muitos antigos combatentes para deixarem algo para as futuras gerações. No passado tínhamos o receio de falar porque os outros compatriotas podiam pensar que estávamos a nos proteger. Se cada combatente falasse o pouco que tem poderia estar a contribuir para que as novas gerações venham a ter conhecimento da nossa história.

**Biarquivo – Com que impressão ficou na visita que efectuou ao Arquivo Histórico de Moçambique?**

**LT** – Quando recebi o convite do Dr. Joel para ver as instalações do Arquivo Histórico de Moçambique quase que chorava ao observar a maneira como estavam os documentos devido a deterioração do edifício. Eu penso que há necessidade urgente para a construção de um edifício de raiz para o Arquivo Histórico de Moçambique para a preservação dos vários documentos nele depositado. Após a visita achei que também devia fazer parte dos problemas do Arquivo Histórico para salvaguardar o património histórico e cultural de Moçambique.

**Biarquivo – Quais são as memórias que tem sobre a sua participação na luta armada de libertação nacional?**

**LT** – Tenho saudade do passado quando observo a maneira como vivemos. Participei na província de Tete, entre

1971 e 1972. Fui destacado pelo trabalho, tivemos momentos muito agradáveis de trabalho no que concerne à nossa causa que era libertação nacional e conquista de Moçambique para os moçambicanos. Neste período o inimigo não saía dos quartéis e nós éramos os donos da situação. Essa situação permitiu que transferíssemos a luta para Manica, Sofala e Zambézia graças à província de Tete. Se não tivesse sido o golpe de Estado em Portugal, tínhamos o plano de iniciar a frente de Inhambane e Gaza e já tínhamos o material de guerra ao longo do rio Save.

**Biarquivo – Qual é a importância do arquivo da Frelimo na História de Moçambique?**

**LT** – Os documentos já não são da Frelimo, pertencem ao povo moçambicano. E o Estado deve responsabilizar-se pela preservação dos mesmos, através da instituição beneficiária do depósito legal em Moçambique pelo Decreto 26/76 de 17 de Julho, nomeadamente o Arquivo Histórico de Moçambique. Não obstante referir que perdemos algum material e os nossos filhos, netos e bisnetos, não conheceram na íntegra a História da Frelimo.

**Biarquivo – O Arquivo está actualmente repartido em cinco instalações em diferentes lugares da cidade de Maputo. Esta situação dificulta o processo de trabalho quer para os funcionários, quer para os gestores. Na sua opinião qual é a possível solução para este problema?**

**LT** – Eu penso que muitos dirigentes moçambicanos não conhecem a situação do Arquivo Histórico neste momento, há necessidade de convidá-los para viver in-loco as dificuldades que a instituição tem para albergar mais de 50 mil metros de estanharia documental. É muito urgente a construção de um edifício de raiz. O reitor da Universidade Eduardo Mondlane deve ser a alavanca para conseguir apelar as instituições de direito, a partir do Presidente da República, até ao Ministro de Educação. Também sugiro a formação de uma associação dos amigos do Arquivo Histórico.

## Tomada de posse do Governo de Transição (20 de Setembro de 1974)

Toma posse o governo de transição que lideraria os destinos de Moçambique até à proclamação da independência, no âmbito dos Acordos de Lusaka. Este governo, que juntava quadros portugueses indicados pela administração colonial e moçambicanos no âmbito da FRELIMO, foi liderado por Joaquim Chissano. O período de transição para a independência funcionou como uma época de desmantelamento estrutural do poder colonial em Moçambique. Foram membros deste governo: Moçambique

- Joaquim Chissano – Primeiro-Ministro;
- Mário da Graça Machungo – Ministro da Coordenação Económica;
- Rui Baltasar – Ministro da Justiça;
- Gidion Ndobé – Ministro da Educação e Cultura;
- Armando Guebuza – Ministro da Administração Interna;
- Óscar Monteiro – Ministro da Informação;
- Joaquim Paulino – Ministro da Saúde e Assuntos Sociais;
- Alberto Chipande – Membro da Comissão Militar Mista;
- Alcântara Santos – Ministro das Obras Públicas e Habitação;
- Baptista Picolo – Ministro das Comunicações e Transportes;
- Sebastião Mabote – Membro da Comissão Militar Mista;
- Jacinto Veloso – Membro da Comissão Militar Mista;
- Mariano Matsinha – Ministro do Trabalho.



Tomada de posse do Governo de transição

## Nascimento de Samora Machel (29 de Setembro de 1933)

A 29 de Setembro de 1933 nascia na aldeia de Xilembene, no distrito de Chókwè, Gaza, Samora Moisés Machel, combatente da luta de libertação nacional e primeiro Presidente de Moçambique independente. Descendente de uma família guerreira, seus avós e bisavós participaram activamente nas guerras patrióticas de resistência contra a conquista colonial. O seu avô paterno foi um dos comandantes dos soldados de Maguiguana Khosa. Samora foi educado nas tradições patrióticas da sua família. A exploração colonial rapidamente o ajudou a tomar consciência do quanto o povo moçambicano estava a ser subjugado. Durante a sua infância, Samora Machel viveu a experiência da cultura forçada de algodão, que muitas vezes ocupava os camponeses de tal modo que chegavam a não dispor de terra ou

tempo suficiente para cuidarem das suas machambas.



Samora Moisés Machel

Ainda jovem, Samora acompanhou atenciosamente a formação da FRELIMO, a que aderiu em 1963, fazendo parte dos primeiros grupos de guerrilheiros treinados na Argélia. Participou activamente no desencadeamento da luta armada aos 25 de Setembro de 1964, na elaboração de planos, selecção dos combatentes e na organização da infiltração dos mesmos; foi responsável pelo treinamento das forças guerrilheiras; em 1965 dirigiu o desencadeamento da luta armada no sector oriental do Niassa; organizou o grande Centro de Preparação Político-militar de Nachingwea, onde se preparava política e militarmente os quadros para a revolução, entre outras acções.

Machel foi designado Secretário da Defesa em 1966 após o assassinato de Filipe Samuel Magaia. Sucedeu Eduardo Mondlane na presidência da FRELIMO, conduzindo a luta armada até à proclamação da independência a 25 de Junho de 1975.

Foi primeiro presidente da República Popular de Moçambique, cargo que ocupou até 1986, quando morreu num acidente de aviação em Mbuze a 19 de Outubro.

Samora foi um homem activo na causa da liberdade dos moçambicanos, dos africanos e de outros povos do mundo. Participou activamente na criação da Linha da Frente e em todas as grandes decisões que fizeram avançar a luta pela libertação dos povos ainda dominados na África Austral, como foram os casos do Zimbabwe e da África do Sul.



Samora Machel (em destaque)

# O mês de Setembro na História de Moçambique

Vários acontecimentos assinalam o mês de Setembro na História de Moçambique. Aliás, trata-se de um mês emblemático para os moçambicanos, pois abarca acontecimentos efectivamente marcantes no dia-a-dia da vida dos moçambicanos nos mais variados quadrantes. São estes os acontecimentos mais marcantes da História do nosso país e, Setembro:

## I Congresso da FRELIMO (23 a 28 de Setembro de 1962)

Realiza-se em Dar-Es-Salaam, na Tanzânia, o I Congresso da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), três meses após a unificação de três movimentos nacionalistas por essa época existentes no país. O congresso foi dirigido por Eduardo Mondlane, que foi eleito presidente do movimento de libertação.

No primeiro Congresso foram traçadas as linhas de orientação e objectivos que Eduardo Mondlane incluiu no seu livro "Lutar por Moçambique". Dentre essas orientações e objectivos constam a definição do inimigo como sendo o sistema colonial português e o imperialismo.



Eduardo Mondlane discursando durante o 1º Congresso

## Início da Luta Armada de Libertação Nacional (25 de Setembro de 1964)

Após auscultação da Organização da Unidade Africana (OUA), as Nações Unidas e a opinião pública interna e internacional sobre os contornos do colonialismo em Moçambique, os moçambicanos tentaram persuadir Portugal a satisfazer o seu pedido de independência. A estas exigências Portugal respondeu várias vezes com crimes como massacres, denunciados por instâncias panafricanas, afro-asiáticas e mundiais.

Perante a intransigência dos portugueses, a FRELIMO declarou a insurreição geral armada, que se iniciou a 25 de Setembro de 1964. A palavra de ordem para o povo pegar em armas e combater o sistema colonial.

A liderança da FRELIMO deixou claro que o alvo principal da insurreição armada era o sistema colonial e não propriamente os cidadãos e soldados portugueses capturados durante os combates. A independência de que o país desfruta hoje,

proclamada em 25 de Junho de 1975, é corolário dessa luta desencadeada por uma geração emblemática de moçambicanos, a chamada geração do 25 de Setembro.



Guerrilheiros da FRELIMO durante a luta pela independência

## Assinatura dos Acordos de Lusaka (7 de Setembro de 1974)

São assinados em Lusaka, entre a FRELIMO e o governo português os acordos de Lusaka que culminaram com a vitória da luta de libertação nacional. Foi em Lusaka que se definiu os mecanismos de transferência progressiva de poderes para a FRELIMO, transferência de poderes que teve como ponto mais alto a proclamação da independência a 25 de Junho de 1975. Para trás haviam ficado dez anos de uma guerra que só provou aos portugueses que o sistema colonial não era eterno em território moçambicano.



Assinatura dos Acordos de Lusaka

## ESARBICA

# Os desafios dos arquivos nacionais



Os arquivos da África Austral debatem-se actualmente com desafios que requerem cada vez mais esforços dos seus gestores, utentes e outros intervenientes, principalmente num contexto de necessidade de intercâmbios com vista a bem servir. Foi neste âmbito que as instituições arquivísticas da África Austral e Oriental, congregadas na Esarbica passaram em revista vários assuntos relacionados com actividade arquivística e tendo reconhecido os grandes desafios para a gestão de documentos electrónicos. Assim em colaboração com IRMT estão a desenvolver iniciativas visando a criação de um centro de excelência para formação de gestores de documentos electrónicos junto do ESAMI. O centro de excelência, que seria sediado em Arusha, Tanzânia, é visto como um serviço pertinente, na medida em que contribuirá para uma maior formação sobretudo de técnicos que trabalham nos arquivos dos países representados na

institucional dos Arquivos da região, incentivar a formação e retenção de pessoal qualificado, desenvolver programas de repatriamento de documentação pertencente aos países da região ou com ela relacionados, desenvolver mecanismos para a partilha pelos arquivos nacionais da documentação sobre o Comité de Libertação da OUA em parceria com o Arquivo Nacional da Tanzânia e desenvolver um Plano Estratégico da ESARBICA para os próximos anos. O encontro dos directores nacionais dos arquivos contou também com representantes de organismos internacionais como o Conselho Internacional de Arquivos (ICA). A conferência geral foi inaugurada pelo Primeiro Ministro da República da Namíbia, N. Angula e teve a participação do Vice Presidente do Conselho Internacional de Arquivos (ICA) e da directora do International Records

ESARBICA.

Por outro lado, a ESARBICA enfrenta também como principais desafios a mobilização de mais recursos para financiar programas de formação e preservação de documentos na região através de parcerias, desenvolver programas para a capacitação

Management Trust (IRMT) de U.K.

O programa da Conferência foi caracterizado por 8 sessões de dezenas de comunicações sobre vários aspectos relacionados com a preservação do património documental e a aplicação das Tecnologias de Informação e comunicação na gestão e preservação de documentos.

Importa referir que a ESARBICA é uma organização dependente do Conselho Internacional dos Arquivos, representando a região Austral e Oriental de África e foi fundada em 1969. Organiza conferências bi-anuais e reuniões anuais do BOARD composto pelos membros de direcção eleitos em cada dois anos e os directores nacionais.

A Zâmbia foi proposta para acolher a próxima reunião anual da ESARBICA. Moçambique irá acolher a próxima Conferência Bi-Anual da organização, em 2011. Recorde-se que o nosso país organizou a conferência Bi-Anual de 2003 em Maputo com muito sucesso.

## NOVO ELENCO DIRECTIVO DA ESARBICA.

Para o próximo mandato de dois anos foram eleitos pela Assembleia Geral da ESARBICA os seguintes membros: Presidente – Mrs Veno Kauria Vice-Presidente – Dr. Joel Tembe Secretário-Geral – Mr. Richard Wato Secretário-Geral Adjunto – Mr. Paul Lihoma Tesoureiro – Mrs Kelebogile Kgabi Editor – Prof. Patrick Ngulube Editor Adjunto – Dr. Peter Sabina

## O Arquivo Histórico de Moçambique na VII Mostra de Ciência e Tecnologia

No âmbito da divulgação das suas actividades junto ao público, o Arquivo Histórico de Moçambique, participou como expositor na VII Mostra de Ciência e Tecnologia no edifício nº2 da FACIM, de 17 a 22 de Setembro de 2009, onde apresentou alguns documentos primários, dissertações em matéria de arquivos, publicações, bem como alguns microfilmes do seu vasto espólio arquivístico. Na oportunidade, o AHM, interagiu com o público alvo,

nomeadamente investigadores,



estudantes, pais-encarregados de educação, funcionários das instituições públicas e privadas, sobre a relevância do Arquivo como instituição que preserva o património histórico e cultural em Moçambique. Vendeu parte das suas publicações sobre a História de Moçambique, bem como fez recordar aos diversos expositores no sentido de depositarem um exemplar das obras publicadas ao Arquivo no âmbito da Lei de depósito legal vigente em Moçambique.

## Um dos arquivos mais importantes de África

- Visão de António Braga, adido cultural da Embaixada de Portugal, país que apoiou o redimensionamento de alguns edifícios para o AHM



António Braga

detêm, recorda o apoio que o seu país concedeu para as intervenções até ao presente efectuadas para minimizar a situação da degradação em que se encontrava a documentação. Foi com o apoio da cooperação com Portugal, através do Instituto Português do

Apoio ao Desenvolvimento (IPAD), que se reabilitou alguns edifícios em que funciona hoje o AHM, nomeadamente a actual sede (na Travessa de Varieté), edifício da avenida 25 de Setembro em que funcionam departamentos como o de Conservação e Restauro, o Departamento de Arquivos Permanentes (no campus da UEM). António Braga vê o nosso arquivo como

detentor de um acervo importante para todas as nações e para gerações vindouras, opinando por isso que ele “tem de deixar de ser só arquivo, para ser também pólo dinamizador de informação para contribuir para a transversalidade da educação no sentido de fornecimento de conteúdos que possam contribuir para a chamada de formação cívica e cultural dos jovens”. Sugeriu – por via disso – que o AHM interaja com museus, arquivos e bibliotecas. “Ao frequentar estes espaços (os jovens) vão perceber a importância do património histórico e cultural, que é o que marca a identidade e a cultura de um povo”.

### GOVERNANTES TÊM DE PERCEBER IMPORTÂNCIA E GRANDEZA DO AHM

António Braga opina também que um arquivo como o nosso funcione também como ponto de divulgação do património cultural, histórico, pelo que deve dinamizar acções como exposições sobre temas que retratem a História de Moçambique, articulando com museus e bibliotecas.

Os governantes também podiam contribuir para a valorização do AHM, segundo o nosso interlocutor. “Eles deviam perceber que o Arquivo Histórico de Moçambique é um dos maiores arquivos de África. É pertinente a construção de um edifício de raiz apropriado para arquivos. Um projecto moderno e futurista, privilegiando sempre que o AHM, seja um espaço aberto ao público, além de ser um local de investigação histórica e arquivística tem importância de um arquivo nacional”, apontou. As instituições ligadas à educação também deviam – defende ainda António Braga – desenvolver unidades históricas, que seriam leccionadas no Arquivo Histórico. “Mas para tal o AHM tinha que ter condições para receber 50-60 alunos o que não seria possível nas condições actuais”.



Actual sede do AHM

O AHM foi definido como o projecto de maior pertinência na cooperação entre Moçambique e Portugal devido à situação degradante em que se encontrava o acervo desta instituição documental. A sobrevivência da documentação contra a degradação a que está sujeita depende de muitos factores, alguns dos quais longe das possibilidades dos gestores da instituição. Por exemplo, é fundamental – para que a documentação não se perca e para que os seus utentes acedem a ela em condições mínimas de conservação e conforto – que o AHM funcione em instalações condignas, para o que deve ser construído um edifício de raiz.

A porta da cooperação pode abrir-se para a materialização deste grande objectivo dos gestores do Arquivo Histórico. E tem vindo mesmo a abrir-se sobretudo com Portugal, cujo adido cultural em Maputo falou-nos sobre algum contributo que o seu país pode dar para que o nosso arquivo continue a ser uma instituição de referência nos serviços que presta ao público.

António Braga, que considera o AHM como um dos mais importantes de África, tal como são os arquivos de países como o Egipto e a África do Sul, dada a importância do acervo que estes

## Director do AHM em Angola

# Partilhando conhecimentos (e sentimentos) por Agostinho Neto

Teve lugar a 15 e 16 de Setembro um Colóquio Internacional alusivo à vida e obra de Agostinho Neto, evento que contou com a presença de proeminentes académicos de Angola, da região e do mundo, entre eles o director do Arquivo Histórico de Moçambique (AHM), Joel das Neves Tembe. Cerca de 500 pessoas participaram nesse grandioso evento, organizado em honra do académico, herói e primeiro Presidente angolano por ocasião do seu 87º aniversário.

Durante o evento foram feitas várias apresentações de pesquisas académicas ou memórias (para o caso daqueles que conviveram com o proeminente nacionalista angolano) que enalteceram a grande figura literária e política de Agostinho Neto. A sua luta política desde os anos da Casa dos Estudantes do Império em Lisboa e as vicissitudes da luta política e armada de libertação nacional liderando o MPLA marcaram a essência dos debates.

Os desafios da Independência de Angola, sob a liderança de Neto, em busca da paz, justiça social e desenvolvimento constituíram acento tónico no rol das comunicações apresentadas. As intervenções também apreciaram as boas relações internacionais que Agostinho Neto desenvolveu com vários povos e organizações do mundo. O colóquio mostrou quão profunda é a obra do mais emblemático dos heróis da independência de Angola que é reclamada por políticos, historiadores e escritores.

O Colóquio enalteceu a figura do homenageado, que “na década de 1950 um grupo de jovens intelectuais angolanos lançou a ideia de redescobrir Angola e as suas gentes, logo seguido da criação do movimento cultural ‘os novos intelectuais de Angola’ (1950), do qual Agostinho Neto se tornou líder pelo seu perfil inconfundível”.

A mensagem poética e política de Neto se dirigia sempre a todos os que sofriam e lutavam pela sua dignidade e liberdade espalhados por África e Américas e também aos oprimidos de todo o mundo. “Em consequência da repressão colonial” – avança o documento de base do colóquio – “este movimento de que Agostinho Neto foi uma personalidade liderante, transforma-se incorporando novas gerações. Agostinho Neto desempenha um papel determinante no engajamento político das mesmas e na condução estratégica do movimento de libertação nacional.”

A homenagem a Agostinho Neto incluiu outras realizações, com destaque para uma exposição fotográfica sobre a vida e obra de Agostinho Neto, patente no átrio

do Centro de Convenções da Talantona. O programa do colóquio, para além de estudos de académicos, incluía a apresentação de testemunhos de nacionalistas contemporâneos de Agostinho Neto, incluindo a sua esposa, Maria Eugénia Neto.

### PENSAMENTO ESTRATÉGICO DE AGOSTINHO NETO

No âmbito da sua participação no colóquio evocativo do herói-mor do nacionalismo angolano, o director do AHM moderou a primeira sessão de trabalhos, que teve como tema “O Pensamento Estratégico de Agostinho Neto no Desenvolvimento da Luta de Libertação Nacional e dos Povos”, que contou com as seguintes palestras: “Agostinho Neto e o Estado de Ditadura Democrático-Revolucionária” (por Manuel Pedro Pacavira), e “Troca de Ideias com Agostinho Neto – memórias” (Fernando Albuquerque Mourão). Maria Eugénia Neto e Mendes de Carvalho também intervieram no âmbito desta sessão, apresentando as suas memórias das trocas de impressões que tiveram com Agostinho Neto.

Também foram lançadas as obras de Agostinho Neto “Náusea, a Renúncia Impossível”, “Sobre a Libertação Nacional” e “Ainda o Meu Sonho (Discursos sobre a Cultura Nacional)”. Outras sessões incluíram mais seis painéis dos quais dois deram sequência ao tema do primeiro painel sobre “O Pensamento Estratégico de Agostinho Neto no Desenvolvimento da Luta de Libertação Nacional e dos Povos”. Os restantes painéis incluíam os seguintes temas “A Obra Literária e o Pensamento Cultural de Agostinho Neto”, “A Dimensão Política do Discurso de Agostinho”, “A Poesia de Agostinho Neto: negritude e neorealismo”, “A Obra de Agostinho Neto no Contexto da Literatura

Revolucionária”. No total houve cerca de 24 palestras e doze testemunhos.

### UMA VISITA À CASA DO HERÓI

O director Joel Tembe participou de 18 a 27 do mesmo mês nos trabalhos de supervisão científica do grupo de pesquisa sobre a História da luta de libertação de Angola e África Austral no âmbito do Projecto Hashim Mbita. Ambas actividades foram de grande importância



Exposição sobre a vida e obra de Dr. António Agostinho Neto (1922 - 1974 - 2009)

para a troca de experiências e convívio académico com os demais especialistas sobre a história do nacionalismo africano, e em particular de Angola.

No quadro do programa do colóquio sobre Agostinho Neto foram organizadas visitas à terra natal de Agostinho Neto, a aldeia de Caxicane, província de Bengo. Joel Tembe, testemunhando essa visita, afirma ter visto esforços de desenvolvimento social e económico das comunidades daquela aldeia com novas infra-estruturas sociais e habitacionais.